

ANTÓNIO CUNHA REIS

Agradeço o amável convite que me foi dirigido pelo António Cunha Reis para apresentar este livro sobre a sua biblioteca, a que não fui capaz de resistir, por razões de amizade.

Ambos temos raízes em Braga. Os nossos antepassados estiveram juntos nas milícias que defenderam Braga na batalha de Carvalho d'Este, enfrentando o poderoso exército napoleónico comandado pelo marechal Soult, em 1809. Por isso, o António Cunha Reis e eu estivemos juntos na inauguração do monumento erigido pela Câmara de Braga aos defensores de Braga no 2º centenário dessa Batalha, situado na rotunda da entrada na cidade pela estrada vinda de Chaves, ao lado da Serra do Carvalho.

As nossas famílias conheciam-se e eram amigas. Ambas cultivavam as letras e possuíam conhecidas bibliotecas. A da família Cunha Reis permaneceu na casa do Campo das Hortas, e está hoje ao cuidado do António Cunha Reis.

Essa foi a base da biblioteca que António Cunha Reis vem reunindo, ao longo da vida, laboriosamente, e que conserva apaixonadamente, em sua casa.

António Cunha Reis conta-nos como se constitui esse património. Presume que o núcleo inicial tenha vinda da Quinta da Vacaria, no Peso da Régua, onde os jesuítas possuíam o colégio de São Lourenço, comprada por seu tetravô depois da expulsão e expropriação da Companhia de Jesus pelo marquês de Pombal. Instalada no Campo das Hortas em Braga por seu Tio que foi Deão da Sé, aí terá permanecido, sucessivamente enriquecida através das gerações, e muito particularmente por seu Pai, a cuja memória, muito grata, dedica este livro.

António Cunha Reis quis fazer com este livro um catálogo comentado. Não pretendeu ser exaustivo. Apenas selecionou uns 20 manuscritos, e uns 250 livros, aparecidos entre os séculos XV e XVIII, os mais significativos e valiosos.

António Cunha Reis comenta cada manuscrito e cada livro, tornando sumamente interessante a apresentação de cada um, começando pelo autor, que identifica e

apresenta biograficamente, passando pela descrição do conteúdo e sua importância, e acabando nas referências bibliográficas sobre cada um deles, sem deixar de revelar qual a proveniência de cada um. Por aí se percebe o quanto António Cunha Reis tem enriquecido a biblioteca que herdou de seu Pai e dos seus antepassados

Escolheu, entre os manuscritos, alguns documentos medievais, crónicas reais de Duarte Galvão e Rui de Pina, uma carta régia de Filipe II, cartas jesuíticas, diário e cartas brasileiras de D. Frei Caetano Brandão (que viria a ser mais tarde Arcebispo de Braga), as memórias de D. Luis da Cunha, a carta de Brasão da Família e, para minha grande surpresa, a Sentença da Inquisição contra o P. António Vieira, e o famoso *Diário Bracarense* de Silva Tadhim, de finais do século XVIII. Devo explicar essa surpresa: é que já um dia consultara em casa do meu amigo Luis Azevedo Coutinho, a mesma sentença, também manuscrita; e do *Diário Bracarense*, existia na Biblioteca de meu Tio Manuel António, na Rua do Carvalhal, em Braga, hoje no edifício medieval da Universidade do Minho, um exemplar, considerado invulgar, e do maior interesse para a história da cidade, que a Gulbenkian pedira um dia para fotocopiar, e de que eu consultara uma fotocópia oferecida a meu Avô, na Biblioteca da Quinta do Assento em Tadhim, hoje na Universidade Católica no Porto. Afinal – concluo agora - nem um nem outro eram peças únicas, mas uma, entre outras cópias manuscritas.

Quanto aos livros, António Cunha Reis fez uma selecção, escolhendo uns 100 publicados até aos finais do século XVI, outros 100 pertencentes aos séculos XVII, e mais uns 50 editados no século XVIII. Precisamente os que entendeu melhor traduzirem a alma da biblioteca, e que revelam as preferências culturais que são os seus. Com efeito, uma biblioteca diz muito de quem a possui e desenvolve. Manifesta os interesses culturais e a erudição do proprietário. Torna claros os movimentos culturais de cada época.

Que dizer da Biblioteca de António Cunha Reis?

É, antes de mais, uma biblioteca familiar. Não seria fácil reunir este notável conjunto de livros numa só vida. A sua formação e desenvolvimento são obra de

gerações, que valorizaram as letras e a cultura, e tiveram a preocupação e as condições para a manter e desenvolver.

É, por certo, uma biblioteca histórica, tal a profusão de obras de história, de história universal e portuguesa. Desde a história da Grécia e de Roma, até à história da Igreja, à história da Galia, à história das guerras de Itália no tempo de Carlos V, à história da Galiza (Filipo de la Gandara), à História Genealógica da Casa Real de França, à história da Batalha de Lepanto, do Sacro Império, da Ordem de Malta, passando pela história da Etiópia, da Africa, da Ásia e do Brasil (Francisco de Brito Freire), pela história da conquista do México, e pela história dos judeus (Flavio Josefo). Mas é também uma biblioteca de história portuguesa, com particular destaque para a história dos descobrimentos, para a história genealógica dos Reis de Portugal, para a história da instauração dos Áustrias em Portugal e do governo de D. António Prior do Crato, para a guerra da Restauração e da Dinastia de Bragança, para a história de Lisboa, para a história dos Távoras.

Se alguma característica tipifica a biblioteca de António Cunha Reis, diria, em primeiro lugar, que ela é também, e talvez sobretudo, uma biblioteca humanista, não só pelo elevado número de obras de humanistas, mas, também, porque é em torno do homem e das suas obras que gira a grande maioria das obras que a compõem. Nomes como os de Petrarca, de Erasmo, de Camões, de André de Resende, de Garcia de Resende, de Damião de Góis, de Nicolau Clenardo, de André Rodrigues Eborense, de D. Jerónimo Osório, de Duarte Nunes de Leão, de João de Barros, de Diogo do Couto, de Fernão Mendes Pinto, de Fernão Lopes de Castanheda, de Sá de Miranda, de Gaspar Correia, de D. Francisco Manuel de Melo, do P. António Vieira (Sermões e cartas), cruzam-se com os nomes de Frei Amador Arrais, de João Franco Barreto, de Frei Bernardo de Brito, de Frei Luís de Sousa, de João Salgado de Araújo (o famoso abade de Pera), de António de Sousa de Macedo, de Manuel de Faria e Sousa (África Portuguesa, Ásia Portuguesa, Europa Portuguesa), de António de Gouveia, de João Baptista Lavagna, de Azpilcueta Navarro, o famoso canonista de Coimbra.

A biblioteca da António Cunha Reis é, ainda, uma biblioteca portuguesa e latina. Portuguesa, porque a grande maioria dos livros aqui apresentados são sobre

Portugal e os portugueses, sobre a sua história e cultura. Desde biografias de grandes portugueses (Afonso de Albuquerque, D. Sebastião, Duque de Cadaval, Dinis de Melo e Castro), até corografias, como a do P. Costa. E também latina, não apenas por serem em latim muitos dos livros mais antigos que a integram, e por serem clássicos muitos dos autores (Séneca, Tácito, Terencio, Caio Plínio, Quintiliano, Plutarco, Santo Agostinho, Ariosto, São Boaventura, Bocaccio, Savonarola, Lope de Veja, Descartes) mas porque prevalecem livros em línguas latinas, com destaque para o português, para o espanhol (Lopez de Haro, Lopez Madera) e para o italiano (Ariosto, Filipe Décio), sem esquecer o francês. Embora poucos, existem também livros em inglês ou traduzidos do inglês, como os de James Murphy, que visitou Portugal.

É ainda uma biblioteca jesuítica, não apenas pelo núcleo original ser proveniente de um colégio de jesuítas, como supõe com fundamento António Cunha Reis, mas também pela profusão de obras de jesuítas, a começar pelos Conimbricenses, e a acabar nos relatos, sempre impressionantes das gestas missionárias dos jesuítas pelo mundo, desde a China, o Japão e a Índia, até à América Latina. Livros como o do P. José da Acosta (sobre o Novo Mundo), o do P. Francisco Alvares (Sobre o Preste João), o do P. Manuel de Almeida sobre os Jesuítas na Etiópia, abreviada pelo P. Balthazar Telles, ou os das cartas do Japão e da China dos Padres Luis Gois, Cosme de Torres e Gaspar Vilela, mandadas publicar pelo Arcebispo de Évora em 1598, ou ainda a história da evangelização da Ásia e da África pelos jesuítas do P. Bartolomeu Guerreiro, ou a relação do que fizeram os jesuítas na China, no Japão, na Guiné e no Brasil do P. Fernão Guerreiro. Sem esquecer o relatório do martírio no Japão, do jesuíta Beato Francisco Pacheco, feito pelo P. Bartolomeu Pereira, ou as cartas do Visitador dos jesuítas na Índia Oriental, P. Nicolau Pimenta, (que percorreu Malaca, as Molucas, o Bangladesh e Myanmar), enviadas ao Geral P. Claudio Acquaviva, ou a descrição do Reino da China do P. Nicolau Trigault. Para já não falar das obras científicas de jesuítas como a obra do P. Gaspar Schott sobre óptica, acústica, matemática e física, ou como a Suma Universal de Filosofia e Teologia do P. Balthazar Telles. Não faltam, porém, autores e livros críticos da Companhia de Jesus, sobretudo pombalinos.

A Biblioteca Cunha Reis não é, igualmente, alheia nem à Arte nem à Ciência. Nela figuram obras sobre arquitectura (em particular sobre arquitectura militar e, também, arquitectura paisagista), sobre escultura (estátuas de Roma), sobre ourivesaria, sobre música, sobre engenharia, sobre construção naval, sobre medicina e cirurgia, sobre economia, comércio e contabilidade, sobre agricultura e cultura da seda, sobre geografia (em especial o Mediterrâneo), sobre viagens, sobre botânica, sobre física e sobre química, sobre matemática, sobre cosmografia (Manuel de Figueiredo), e ainda sobre equitação e cavalaria, e sobre a arte e ciência militar. Nela surgem autores como Leibniz e Newton, Luis António Verney, o astrónomo e cosmógrafo Jerónimo de Chaves (Chronografia), o Abade Correia da Serra, fundador da nossa Academia das Ciências de Lisboa com o Duque de Lafões.

Muitos dos livros adquiridos por António Cunha Reis foram-no em leilões organizados por Pedro de Azevedo, razão bastante para que convidasse aquele que é hoje o mais conceituado livreiro português de livros antigos, a prefaciar esta obra, texto que ajuda a compreender a génese deste projecto e o seu acompanhamento. Pedro Azevedo enuncia nesse prefácio as anteriores edições de catálogos de bibliotecas comentadas pelos seus possuidores, com especial referência para as mais recentes do Visconde da Trindade (hoje na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), do Prof. Pina Martins (hoje na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e, sobretudo, para a última de Luis Filipe Ferreira da Silva, cuja presença nesta sala eu saúdo particularmente, que publicou e comentou, numa lindíssima edição, a sua valiosíssima biblioteca, que está hoje no Paço de Vila Viçosa, ao lado da do Rei D. Manuel II, edição que terá motivado António Cunha Reis a concretizar este seu projecto antigo. O próprio Pedro de Azevedo publicou ainda recentemente uma espécie de memórias da sua actividade benemérita da cultura portuguesa, num interessantíssimo I volume, a que pôs o título *Vida com Livros. Livros com Vida*, a que outros volumes se sucederão, como esperamos e desejamos.

Mas o que leva António Cunha Reis a gastar tempo, atenção e recursos nesta empresa de engrandecer a biblioteca que herdou de família? Ele mesmo o explica no título deste livro. É uma questão de paixão.

Porque nos apaixonamos pelos livros antigos, pelos papéis e gravuras, e outros elementos dos arquivos? Que paixão é essa que consome atenções, tempo, recursos e cuidados? A curiosidade, o desejo de saber e de descobrir, a vontade de compreender o passado, a apetência pela raridade, e a preocupação de preservá-la. E ainda por uma questão de memória e de identidade, de raízes e razões de ser. Para perceber de onde vimos e para onde vamos. Os livros são a prospectiva do passado e a memória do futuro. Daí que não posso deixar de fazer minhas as palavras com que Pedro de Azevedo termina o seu prefácio: ao longo deste livro – diz ele –, *“transparece um sentimento não despiciendo que temos o dever de enaltecer e realçar, especialmente nos conturbados tempos que estamos a viver: um inequívoco e genuíno orgulho de ser portugueses”*.

António Cunha Reis dá-nos a conhecer o fascínio das descobertas das raridades, e das contrariedades dos arrolamentos pelo estado. Quem cuida de bibliotecas e frequenta leilões conhece essa realidade. A abrir o livro dá-nos conta de um incunábulo precioso descoberto por seu pai na Biblioteca da família – a *Gramática Pastrane*, de 1497 –, que acabou arrolado, depositado e depois comprado pelo estado, e noticiado e comentado sem referência a quem o tinha encontrado. E fala-nos de uma outra descoberta sua, que imaginou pudesse ser também uma raridade e que se revelou, afinal, não o ser.

No fundo é a vontade de conhecer o passado dos homens, como estes pensavam, actuavam, amavam e descobriam, e de através desse conhecimento nos conhecermos a nós mesmos. Há uma procura de identidade, não apenas pessoal, mas colectiva, no nosso relacionamento com os livros antigos. A curiosidade que nos leva a descobrir livros, quem os escreveu, quem os copiou ou editou, o que contam sobre o passado, é um desejo, é certo, de conhecer os homens e a sua história, como viviam e trabalhavam, como lutavam e se divertiam, mas também um desejo de nos conhecermos a nós mesmos pessoalmente. Os livros, e os arquivos são elementos de identificação, nossa e dos outros.

Por vezes, é o prazer e a alegria de encontrar o que se procurava ou intuía, o que se hipotizava. É o prazer da descoberta, o mesmo que nos leva a viajar e a conhecer paisagens e pessoas distantes. Os livros falam-nos do passado, de coisas que desapareceram. São vestígios da cultura que herdámos e que nos constitui.

É deste prazer, da satisfação de descobrir e de achar, que nos fala António Cunha Reis, a propósito dos seus livros, dos que herdou, dos que viu seu Pai comprar, dos que ele próprio adquiriu, revelando uma notável erudição, uma rara capacidade de investigação bibliográfica, e, sobretudo, uma invulgar cultura.

Este prazer é parecido com o do colecionismo. Ninguém coleciona apenas para juntar coisas parecidas. Há sempre razões estéticas ou curiosidades para desvendar no que coligimos. Com os livros, algo de semelhante acontece. Viajamos sem andar, admiramos sem ir ver, conhecemos sem ter presenciado.

António Cunha Reis presta, com a publicação deste seu catálogo comentado, um serviço inestimável à cultura portuguesa, um contributo incontornável à bibliografia em Portugal, e uma grande homenagem à sua família.

Razões para lhe estarmos profundamente gratos, e eu, em especial, muito agradecido pela distinção amiga que me conferiu ao convidar-me para o apresentar.

Parabéns e muito obrigado.